

DO CORPO MÁQUINA AO CORPO SEM ÓRGÃOS: O AUTOR E A AUTORIA NO DIÁLOGO ESTÉTICO CONTEMPORÂNEO

Maria Aparecida Donato
cidadonato@rafrom.com.br
<http://lattes.cnpq.br/3772517780724732>

Dedico este trabalho aos meus alunos da disciplina Estética e Tecnologia, do curso de Design Gráfico da Universidade Estácio de Sá, com os quais pude dialogar durante todo o período de 2009/01 e muito me encorajaram a abraçar essa temática.

Minimalismo, Arte pop, Arte conceitual, Body art, Instalação, Hiper-realismo, Antidesign, Neopop, Transvanguarda, Videoarte, Neo-expressionismo, Pós-modernismo, Sound art, Web art, Arte cibernética, Arte cinética, Happening, etc., etc., etc., são movimentos que apontam para múltiplos horizontes e conformam a pluralidade de estilos do contemporâneo em nome da arte pós-moderna, colocando em xeque o valor da arte e ressuscitando antigas indagações com as quais se retomam questões bastante discutidas ao longo da história ocidental: o que é a beleza? E a verdade? Onde está a obra de arte? A arte morreu?

A estética é uma disciplina que se impôs enquanto campo epistemológico, ainda que de grande complexidade e difícil definição. Germinada nos umbrais da filosofia, gerada no ventre das inquietações humanas e parida no seio das tensões sócio-culturais, essa forma de conhecimento filosófico, muito embora não se revele como um objeto definido de estudo, possivelmente seja o *locus* mais significativo onde se instauram as reflexões sobre o fazer e os objetos artísticos.

No decurso do pensamento ocidental, os problemas estéticos giraram em torno da compreensão do grande enigma que é a arte: arte e realidade, com Platão; arte e beleza, com Aristóteles; beleza e espiritualidade, com Santo Agostinho; beleza e prazer, com São Tomás de Aquino; arte e ciência, no Renascimento; beleza e ideal e beleza e

aparência, com Hegel e Nietzsche; arte e beleza, com Benjamin e a origem da obra de arte, com Heidegger, são alguns exemplos de como o pensamento estético se modulou e se reformulou à medida que teóricos e artistas buscavam definições que dessem conta das indagações sobre a produção artística e a sua relação com as necessidades humanas.

O que se pode notar é que a estética, por natureza, sempre se ocupou das formulações sobre o conhecimento sensível, fazendo jus ao termo grego que a originou — *aisthesis* — o qual se refere à faculdade de sentir. Portanto, esteve e ainda está vinculada ao estado de coisas e pessoas, em suas relações e emanações de sentidos. Assim sendo, a experiência estética é algo que não se limita a um procedimento pré-estabelecido ou a algo que possa ser exercido de modo imperativo. Implica numa atitude, que não pode ser suprimida, de reação ao objeto, envolvendo fatores que escapam ao controle humano, tais como a criação e a recepção.

Quando trago para este encontro um trabalho intitulado *“Do corpo máquina ao corpo sem órgãos: o autor e a autoria no diálogo estético contemporâneo”* penso numa abordagem articulada nos liames da filosofia da arte, e me permito um ensaio que enrede discursos aparentemente distantes, acreditando que mesmo as diferentes correntes filosóficas possuem entre si pontos de convergências, ainda que no infinito. Numa perspectiva que não aponta para respostas a quaisquer inquietações, o trabalho em tela acena para o desejo de ampliar os horizontes do pensar estético. Assim sendo, o título que proponho já é por si só o anúncio de um mosaico pelo qual serão reunidas teorias que me possibilitam uma maior aproximação, ainda que permaneça distante, da produção artística no contemporâneo.

O que entendemos por “contemporâneo?” O conceito de contemporâneo marca a adequação da obra à atualidade, de maneira que torne o artista incapaz de desenhar antecedentes e perspectivas. A

confusão do empreendimento criador e do “aqui” e do “agora” promove uma estética da metonímia, que procede pela composição a partir de elementos menores, propostos pela cultura e percebidos segundo um jogo de contigüidades. Nesse sentido, tudo é passível de composição, tudo é sujeito ao relativismo, igualando-se o antigo e o novo, o convencional e o subversivo, bem como ocorrendo uma simultaneidade, onde a obra se dá como a retomada de uma cultura em mosaico. (MUCCI, L. I. . Do Moderno ao Contemporâneo. Ao Pe-da-Letra, v. 1, p. , 2008.)

Por arte contemporânea compreende-se a movimentação artística que começou aproximadamente no final da década de 1960 e que perdura até os dias atuais. Herdeira de uma desterritorialização provocada, em grande parte, por duas guerras mundiais, as produções artísticas abraçam o movimento de ruptura com o modernismo, principalmente no que se refere ao corte com a mimese. O sufixo “ismo”, tão acentuado nas denominações dos estilos — *neoclacissismo*, *impressionismo*, *cubismo*, etc. —, é substituído pelo prefixo “des” dos conceitos que distinguem o pensamento pós-moderno — *desconstrução*, *desterritorialização*, *desmaterialização*, *desrealização* —, sinalizando a *des-ordem* em oposição ao belo clássico que até então se preservou de alguma maneira no modernismo. Contudo, a ruptura não se resume na troca dos interfixos. Os valores de harmonia, regularidade, ordem, genialidade, contemplação, ambos pertencentes às idéias tradicionais, são abandonados em favor da criatividade e destrutividade humana, privilegiando-se muito mais a experiência, a concepção da forma e a sua conceituação, “a conquista do tempo e do espaço relativizados e a percepção de que a matéria e energia se equivalem” (HÜHNE; 2006 p. 293), em favor de uma produção no pilar da desconstrução, considerando-se ser este o caminho mais compatível com as expectativas em torno da arte.

A indefinição estética é a estética predominante do pós-moderno, e este é o maior empecilho à sua problematização no sentido de que a falta de um pensamento central

não propicia o consenso filosófico; por outro lado, exime os filósofos do compromisso de encontrar definições que a classifique.

É pelo conceito de *desconstrução* que passo a estabelecer um organismo textual pelo qual tentarei deixar claro o meu pensamento, muito embora, creio eu, a maior contribuição que posso trazer não esteja no entendimento da minha fala, mas sim nas perturbações que abrolham quando se tenta conjugar objeto estético e filosofia pós-modernos.

Desconstrução é um termo cunhado por Derrida para um método de análise crítico-filosófica que se opõe ao estruturalismo e ao seu postulado em torno do logocentrismo e da construção de um sistema lógico de relações para governar os elementos textuais. A desconstrução defende a possibilidade de a escritura não ser um jogo de representações apenas, mas um texto que possa inscrever-se em si mesmo, entrando na infinitude da escrita, deixando entrever um novo texto. Embora o conceito de desconstrução proposto por Derrida esteja voltado para o texto e prime pela desmontagem e a decomposição dos elementos da escrita, é certo que o desejo de se conquistar novas formas de expressão não é um privilégio apenas dos autores da literatura. Tal sentimento se propaga pelas várias expressões da arte, e o paradigma que se estabelece é o da negação aos sistemas fixos das construções rígidas: romper com o arcabouço e possibilitar uma reconstrução a partir dos elementos não visíveis, ou não expostos, para permitir que a obra se abra a uma pluralidade de sentidos, antes velada pela ordenação de seus elementos.

A arte plasma a realidade, que plasma a arte, num jogo e troca permanentes, de múltiplos sentidos e influências mútuas. Assim sendo, as tendências dos movimentos artísticos não se dissociam dos movimentos sócio-culturais, os quais, por conseguinte,

não se dissociam das pulsações humanas. É nessa trama que se localiza a questão desta comunicação: a estética, antes mesmo de ser um campo epistemológico, é uma atividade instauradora e, por este motivo, seus postulados necessitam de um repensar constante.

Quando o conceito da desconstrução entra em vigor, o próprio sujeito já está vivenciando esse processo por consequência. As guerras, mais especificamente a segunda, promoveram uma conjunção entre os conflitos bélicos e os ideais de progresso, colocando máquinas e homens compartilhando o mesmo plano físico-temporal, além de provocar destruições físicas e conceituais. Sob a forte influência da força armada e da tecnologia desenvolvidas nesse período, novas tendências se desenham. As expressões artísticas declaram a morte da figura e a ruptura com a *mimesis*, negando-se ao papel de espelhamento dos sujeitos para se assumirem enquanto vozes dos próprios sujeitos, em carne, ossos e vísceras expostos, com todas as suas glórias e perturbações.

Produto do imaginário militar, para os ideais de guerra as armas são a continuidade dos corpos humanos, e os corpos humanos, encerrados em pesadas artilharias técnicas, não passam de uma extensão dos armamentos. O desejo da criação de máquinas inteligentes que sejam capazes de substituir, na íntegra, os homens é fortalecido por esse imaginário, provocando uma metaforização do corpo, antes já mecanizado pelo sistema bélico, e a desvalorização do sujeito. Máquinas com “cérebros” dotados de razão, numa transposição do biológico para o técnico, possibilitada pela “presença de uma estrutura reprodutível de processamento da informação: a memória.” (Ibid. p. 50).

As investigações científicas para a obtenção do homem-máquina e da máquina-homem perpassam o campo das ciências e povoam o imaginário sócio-cultural, refletindo-se nos movimentos humanos, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, influenciando,

dentre outros, artistas e filósofos. É nesse clima de danos e sobras, de identidades fragmentadas, ou mesmo destruídas, diante da necessidade de se reencontrar o elo perdido, que a Arte Contemporânea mergulha em si mesma e em seus próprios problemas — a perda da subjetividade e o desaparecimento do sujeito — não para refazer, mas para *desfazer* o que não se compatibiliza com os seus ritmos e sentimentos.

O corpo reaparece como um enigma conhecido, porém, por decifrar, no sentido de que o que se pretende é reencontrar o sujeito pulsante, no humano fragmentado, por entre as parafernálias mecânicas. O sujeito desconstruído transita tal qual um nômade na multiplicidade identitária proporcionada pela tecnociência. Cabe à arte reavê-lo. Cabe à arte tornar-se o lugar possível das experimentações que possibilitam o reencontro dos indivíduos com as suas identidades nesse contexto híbrido de homens-máquinas-homens. No entanto, corpos e objetos necessitam subverter a ordem estabelecida entre criação e contemplação, para confluírem, concomitantemente, na subjetivação da obra.

O corpo torna-se o foco das discussões e traz para si as atenções da cena contemporânea. A *desterritorialização* não é um acontecimento apenas de ordem material, ela torna-se um conceito na medida em que as rupturas, as perdas ou as transformações dos espaços agem diretamente sobre indivíduos e provocam modificações em seus corpos, ou na forma de se lidar com eles. É nessa perspectiva que percebo o corpo-máquina se metamorfoseando no corpo-sem-órgãos.

Tomando por empréstimo o conceito de *corpo sem órgãos*, de Antonin Artaud, para quem “assim como o mundo tem uma geografia, também o homem interior tem sua geografia e esta é uma coisa material”¹, pode-se perceber que a estética contemporânea, pensada sob o prisma da desconstrução, deságua os seus afluentes no próprio sujeito, dono de um corpo que não detém mais o controle das barreiras que o separam dos

objetos. O corpo sem órgãos, segundo Deleuze e Gattari¹, é um corpo cartográfico, registrado e cruzado por linhas que delimitam territórios políticos, econômicos e culturais. Algumas surgem ao acaso, outras não se cruzam, e outras necessitam ser inventadas e traçadas efetivamente, que são as linhas de fuga de cada um, as quais, segundo Artaud, compõem os indivíduos, assim como os seus mapas, entrecruzando-se e penetrando umas nas outras formando um emaranhado complexo.

O conceito de Artaud, bastante discutido por Deleuze e Gattari, converge para os conceitos de identidade, de um corpo desterritorializado, composto por máquinas, ordenações e movimentos. Um corpo “atravessado pelos fluxos maquínicos do desejo”, perdido em sua singularidade em prol de uma identidade fluida. Contudo, quando se discute a arte, numa abordagem que busca o autor e a autoria, conforme a proposta que trago para este seminário, é necessário ir além de uma meta-filosofia para encontrar nas contingências humanas e na origem do objeto estético o verdadeiro sentido da obra; não aquela que se posta somente à apreciação, mas a que convoca à criação e a um possível “fechamento” gestáltico. O autor, tampouco a arte morreram. Adormeceram, tal coma Fênix, para renascerem pós-modernos, pós-estruturalistas, pós-materialistas, clamando aos contemporâneos que se valham das múltiplas formas de pensar para desconstruir não apenas a arte, não apenas a literatura, mas também o discurso filosófico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HABERMANS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ *A hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATARRI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seus duplos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOBRE A AUTORA

Maria Aparecida Donato possui graduação em Belas Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996), mestrado em Ciências da Arte pela Universidade Federal Fluminense (2001), doutorado em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007) e está em pós-doutoramento em Arte e Tecnologia no Instituto de arte da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Diana Domingues. Atualmente é professora da Universidade Estácio de Sá e do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro na área: Artes. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Estudos da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, estética, poética, imaginários culturais, produção cultural e cultura brasileira.